

Caderno de Leituras n.175/24

esforço
lubrificado do dizer:
em vias de uma
palestra-performance
ana luisa santos

Nota

Em 21 de março de 2024, uma versão deste texto foi lida pela autora numa palestra-performance, que era parte da programação dos Diálogos Feministas – PPGAC, da Unirio. Como proposta de ação, além do corpo do texto amplificado pela voz da performer ao microfone em um auditório praticamente cheio, a performance incluiu inicialmente o gesto de passar um café (com a utilização de uma chaleira elétrica para aquecer a água, filtro de papel e garrafa térmica, com a qual a performer serviu a audiência) e a instalação no espaço da escultura-diário “crônicas do mosteiro com wi-fi”^{*} e sua ativação por meio do convite para que diferentes vozes daquele momento no espaço presentificassem a leitura de algumas fichas em composição coletiva.

* “crônicas do mosteiro com wi-fi” é uma escultura-diário em processo composta por fichas de 6”x 9”, datadas e numeradas, escritas à mão, em caneta esferográfica básica, e condicionadas em suporte maleável transparente, utilizado, comumente, para organização de gavetas. as “crônicas” abrangem o exercício “diário” da escrita como gesto ou escultura dos dias, além de notas diversas, cartas, estudos de ação em arte da performance e relatos do período, incluindo os momentos pré, durante e pós pandemia de Covid-19 desde 2019 até hoje.

.

Em ação:

Passar café em cena

Escultura-leitura compartilhada das “crônicas do mosteiro com wi-fi”

Seguida da seguinte leitura:

agradecendo o convite (e a edição), a confiança, a colaboração na atividade da escultura “crônicas do mosteiro com wi-fi”, o brinde com café à trajetória dos Estudos Feministas na Unirio, um brinde com café à trajetória da parceira de trabalho Sandra Bonomini, o encontro com Ana Bernstein, o reencontro com Joyce Athiê e com Juarez Guimarães, a possibilidade de experimentar este espaço e compartilhar com vocês este momento.

trazendo as crônicas para conversar com a palestra-performance, uma espécie de formato, como “foto-performance”, mas que diz da arte da performance em suas diversas possibilidades de ativação e da voz como corpo, da voz como corpo em ação. Como no Slam ou nas modalidades estéticas do canto, da poesia falada, das inúmeras e diversas manifestações e declarações e declamações de uma voz.

como o gesto de escrever, escrever à mão, desenhar com uma caligrafia singular, a voz tem um timbre específico, que pode e muitas vezes é modulado por procedimentos de amplificação, registro ou colorido, como se diz no teatro, em sua manifestação.

a voz, a boca, a laringe, as pregas vocais, o pulmão, a vibração do ar, o fôlego, o diafragma, as musculaturas do pescoço e da face, os tendões da alma cedendo à passagem de ar, ao sopro de vida. Dizer, falar, proferir, gritar, dialogar pressupõe ouvir e ser ouvida. Romper com o silêncio ou com a surdez imposta. Enfrentar o silenciamento e resistir. E não só. Implica tentar traduzir, lidar com o limite das palavras, fazer ressoar a denúncia, também tentar

trazer da reverberação a geração de espaço, de gerar mais espaço para mais pessoas falarem, de criar espaço entre as palavras.

Criar espaço não só no sentido de expandir, mas também de inaugurar, de estabelecer pontes. Ligações entre mim e o outro, entre mim e a outra em mim, entre os outros e eu, os visíveis e os invisíveis. Elos entre o passado, o futuro e o presente. Criar espaço, reconhecer como espaço, instaurar como espaço, perceber o corpo que ativa o espaço e atravessa o espaço, atravessa paredes com a sua voz, com a sua vez. Tremores, vibrações, ressonâncias que tocam como ondas o ambiente e as demais presenças, muitas vezes ecoando ausências.

Performar com a voz, trazer as palavras como materialidade para a ação de maneira mais direta, ler textos coletivamente, improvisar ou compartilhar a leitura em voz alta, confiar nas palavras em seus gestos de flecha e se deixar vibrar pelo som que experimenta linguagem e um idioma em uma língua cheia de papilas, uma língua lambe a língua idioma carregado de sentidos mais ou menos antigos, mais ou menos atualizados.

Se entregar para a ação das palavras, se entregar pela ação das palavras, querer dizer, ouvir, tentar falar implicando o outro, a outra em mim e em sua dimensão de transmissão. Pedir. Cada gesto vocal é uma ação de pedir. Escutar é pedir que o outro diga. Cada canto é uma garrafa lançada ao mar. Cada voz é atravessada por seu próprio som antes e durante sua chegada aos poros alheios. Não ouvir, deixar de escutar é um esforço considerável, mais ou menos inconsciente. Por vezes, uma defesa. Outras tantas vezes, uma recusa violenta. Dizer, cantar, colocar em linguagem verbal, manifestar pela voz é fazer o corpo ressoar com palavras, em palavras, por palavras, em jogo com as histórias das palavras, em ação com uma matéria tão misteriosa como a presença.

Como os demais materiais, com tantas possibilidades de materiais que podem ser trabalhados na arte da performance, não há garantias de realização. O trabalho com materialidades de significação, sejam palavras ou outros objetos ou símbolos, imagens, carregadas ou não de significados, gestos, especialmente um gesto como a voz, como uma fala ou canto, o trabalho de lidar com materiais, especialmente um material tão carregado de memória e uso como a linguagem verbal, como um idioma, traz outros desafios para performers e testemunhantes de ações sonoro-vocais.

Dizer, em uma cultura ocidentalizada logocêntrica, tem uma energia específica.

Como se a palavra escrita, em contradição com as oralituras, tivesse mais garantia de valor. Colocar no papel tem um peso específico. Colocar na voz, acessar pela voz, tem outra gravidade.

É o corpo aterrado que diz o saber, a possibilidade de saber, a possibilidade de não saber: o conhecer vem de outro lugar, talvez mais poroso e sensível como as membranas mágicas que existem nos ouvidos e as traduções elétricas que os nervos fazem até o cérebro.

O trabalho de palavras em arte da performance pode tentar desmontar esse edifício de cartas marcadas. Arte da performance de escrever com palavras gastas. Arte da performance de trabalhar com materiais sujos, impuros, perfurados, por vezes, tóxicos, manchados, matizados com várias camadas de tempo, de uso, de situações. Arte da performance de deslocar funções, de ativar e de desativar funções. De fritar na frigideira da ação a linguagem, que derrete, cai no chão, é preciso mexer sem parar para não queimar tudo, é temperar provando, queimando com a língua, segurando no cabo e jogando para cima para ver o que ainda resta, sempre diferente.

Performar com ou falhar propositalmente com o significado. Colocar, tornar a palavra bamba. Lugar de falha. Dançar o instituído. Se deixar arriscar pelo ouvir. Propor essa situação de escuta mútua. A voz que me toca, me fere e me acaricia. A voz que entra em mim me acolhe ou me machuca. A voz que experimento, que não é só a minha, é uma constelação de timbres que vieram antes de que eu pudesse falar, e de outras que virão em reverberação desconhecida ou em simultaneidade. Vozes simultâneas em debate ou em coro. Vozes que cantam juntas. Vozes que cantam sozinhas. Vozes que cantam perto. Vozes que cantam longe. Vozes que cantam separadas.

A escolha com a palestra-performance, esse desejo, essa intuição de escrever com a voz, a escrita nua de certezas, de definições definitivas, o desejo, a intuição de trabalhar com o material textual em ação, como imagem, e também como som, matéria no ar, vibração invisível mas perceptível aos sentidos da pele da audição em sua abertura disponível. A poética do relato, a exposição de dizer, de se implicar com palavras, de tentar dizer para quem quiser ouvir, colocar o timbre pra jogo, exercitar esse tipo de elaboração que a escritura e a conversa permitem, subjetivando, tentando subjetivar a experiência e a escuta das vibrações do que a vida está pedindo de nós.

Para os estudos em arte da performance, para o campo de investigação e criação feminista, o formato ou modalidade ou experimento das palestras-performances em procedimentos solo ou coletivos, apresenta - não representa, vejam bem - as palestras-performances apresentam uma atualização de práticas sociais e estéticas - políticas -, não de uso de poder pessoal, e sim de um gesto coletivo ou de coletivização muito antigo, ancestral e, simultaneamente, muito contemporâneo de dizer. Dizer, falar com ou sem intenção mais explícita, dizer por dizer, falar por falar, proferir para

não sufocar, gritar para ser ouvida, sussurrar para comover ou mobilizar em aproximação íntima. É convidar para compartilhar um gesto tão profundo quanto o de escuta, um gesto de exposição tão eloquente quanto o silêncio. Dizer não é explicitar, é explicitar o corpo em sua irreduzível singularidade da voz. É inaugurar com a voz, reinaugurar com a voz o gesto performativo das palavras que instituem, como naquele exemplo clássico, “eu vos declaro marido e mulher” ou “marque seu gênero no formulário”.

Palavras não dão conta. Performers também não. Performers trabalham com materiais perigosos, às vezes, materiais íntimos, mais ou menos conhecidos, mais ou menos comuns. Performers falham, como seus materiais falham, e é nessa fissura que pode surgir uma abertura. Uma abertura de leitura. Performers não querem fechar o significado. Palestras-performances podem querer fazer do dizer um gesto aberto, expansivo, receptivo, convidativo, intrigante, curioso, por vezes, esquisito de agir. O gesto de falar como presença, aproximação, estar-com. É antidistônica. É a intimidade do ouvido. É a memória do corpo com a voz que embala. É o som que atravessa a placenta. É a resistência da escuta diante do exame de informação. É a intuição de que se ouvir é respirar no incessante. É conjugar com as inúmeras vozes internas. É compor com o coro coletivo que clama por justiça. É proceder por tremores. É confiar na vibração. É situar a escuta coletiva.

Em procedimento, palestras-performances podem trabalhar com textos prévios ou de improviso, na constituição de programas em situação de audiência em suas condições com uma ou dezenas de pessoas, em prontidão. Como se fôssemos contar ou ouvir um segredo, podemos nos colocar, ou melhor, podemos nos dispor a deixar vibrar. Podemos nos dispor a deixar vibrar com o efeito do som. Enfrentando o acúmulo e o bombardeio de mensagens verbais com as quais muitas vezes temos que lidar minuto a minuto, dentro e fora de nossas cabeças, resistimos em cuidar das palavras como materiais de criação.

Usamos o que é usado contra nós, muitas vezes, como um contrafeitiço. Buscamos reencantar as frases. Repetimos sons e palavras, inventamos sons em palavras em um giro, criando outras giras. Nesse ritual ancestral de ouvir e dizer, de falar e calar, nessa ação de inverter os polos de energia de um gesto tão instaurativo quanto destrutivo, atravessamos como numa corda bamba o fio do desejo de viver, de viver junto, de criar para viver, ouvindo responsivamente o chamado da vida para se atualizar.

Palestras-performances sofrem o efeito das palavras e é nesse padecer, nessa paixão pelo que podem descobrir de uma expressão em elaboração, de deixar perder no reconhecimento da

dinâmica da voz que precisa dizer mesmo imprecisa. Dizer é performar com a voz o estrondo das marés, o farfalhar de asas, o silêncio milenar mineral, o alarme de incêndio, o balbucio das primeiras palavras e das palavras mais velhas e gastas e cafetinadas através dos tempos. Colocar as palavras de molho, molhar as frases, umedecer, umidificar o texto com os fluidos do corpo. Um viva! a esse espaço e a esse esforço lubrificado do dizer.

Caderno de Leituras 175 | 2024

esforço lubrificado do dizer: em vias de uma palestra-performance
ana luisa santos

Edição Clara Delgado e Maria Carolina Fenati

Preparação de texto Maria Carolina Fenati

Revisão Andrea Stahel

Projeto gráfico Luísa Rabello

Coordenação da coleção Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Composto em Suisse Works

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, julho de 2024

Esta e outras publicações da editora estão disponíveis

em www.chaodafeira.com